

Em *Estilo e modernidade em psicanálise*, o psicanalista Joel Birman faz um percurso no qual recorta os mais diversos campos da cultura, para salientar as questões pertinentes à subjetivação, levando em conta as intensidades afetivas, articulando-as ao conceito basilar de pulsões na teoria freudiana. Destaca a possibilidade de uma pulsão criadora no âmago mesmo da pulsão de morte; pulsão como força, com exigência de trabalho. "Portanto, o conceito de pulsão de morte como indicando a existência de uma pulsão sem representação, foi precedido historicamente pela idéia de pulsão como força e como exigência de trabalho" (pág. 37). Mostra que Freud leva em conta o representacional, porém as intensidades já começam a ocupar um lugar de realce em sua obra.

O autor percorre também aspectos do desamparo estrutural do sujeito, que se produz no ritmo dado pelos encontros e desencontros entre a pulsão e a simbolização. Através desses argumentos, propõe a ética e a estética como o campo privilegiado em que a psicanálise pode vicejar.

Esta resenha, por sua vez, propõe um debate com o autor acerca justamente da exclusão da idéia de ciência contemporânea em seu discurso. "Assim, não seria possível considerar que a psicanálise se inscreve no universo da ciência, pois o *determinismo* e a *causalidade* são categorias estranhas a esse discurso, pelo menos até os anos 20". (pág.89).

Os rumos da poiésis

Resenha de Joel Birman, Estilo e Modernidade em Psicanálise, São Paulo, Editora 34, 1997, 233 p.

Tentarei estabelecer contatos da psicanálise com essa nova ciência e a *Complexidade*, sem evidentemente excluir a psicanálise do campo da ética e da estética, e sim alargar um pouco mais essa fronteira.

Partindo, assim, de diferentes referenciais, tento organizar minha leitura produzindo uma tecedura em um universo transdisciplinar.

A psicanálise se nutre de diferentes fontes: da literatura, da ciência, das artes em geral, da filosofia e outras. Recolhe-as nos conceitos que a especificam, criando o seu arcabouço teórico. Esse campo é assim oxigenado e lança pseudópodes para outros saberes. É a psicanálise em interfecundação constante com os mais diversos campos.

Sigamos por algumas conexões do pensamento psicanalítico com o pensamento científico. A ciência determinista com rígidas relações com a causalidade, no começo do século, começa a apresentar trincas profundas. Alguns autores, já percebendo essa metamorfose da ciência, começam a se posicionar de maneira diferente. São eles: Ludwig Boltzmann, Henry Poincaré e Sigmund Freud.

Poincaré, em 1905, mostra-nos, com muita precisão e atualidade, em *O valor da ciência*, a necessidade da criação de uma nova idéia de ciência. O seu referencial sobre a verdade já é muito diferente do ideal iluminista. Ele nos diz: "Quando falo aqui da verdade, sem dúvida quero falar primeiro da ver-

dade científica, mas quero falar também da verdade moral, da qual o que chamamos de justiça, não é senão um dos aspectos. Parece que abuso das palavras, que reúno sobre o mesmo nome dois objetos que nada têm em comum; que a verdade científica, que se demonstra, não pode de modo algum aproximar-se da verdade moral que se sente. Contudo, não posso separá-las e aqueles que amam a uma não podem deixar de amar a outra."¹

Joel Birman, nesse livro, vai colocar o conceito de pulsões em um lugar de grande realce. Esse conceito, sempre muito falado e comentado, na maioria das vezes perde especificidades e complexidades, produzindo freqüentemente confusões. Nesse sentido, o autor é bastante claro quanto às suas idéias: "Contudo, a elaboração teórica do conceito de pulsão de morte possibilitou essa inflexão crucial da obra de Freud. Quando Freud concebeu a existência de uma pulsão sem *representação*, como a pulsão de morte, a questão da representação perdeu o privilégio teórico que detinha anteriormente na metapsicologia freudiana. Com isso, se deslocou para o primeiro plano do discurso psicanalítico o conceito de pulsão como *força* e como *exigência de trabalho*, que é realizada sobre o outro e sobre o psiquismo, que é uma exigência de ligação, de regulação, da estesia, e da subjetivação da força pulsional. Enfim, a força

pulsional se insere na exterioridade do sistema de representações e da ligação, mas é o que coloca em movimento as estratégias possíveis para o seu domínio realizadas pelo psiquismo e pelo outro" (pág.11).

Temos aí um Freud em sintonia com alguns pensadores de sua época. Eram poucos, porém o novo já começava a surgir, e a psicanálise está junto nesse bater do tear saindo do universo da sobre-determinação pura, para levar em conta a indeterminação.

Na opinião do autor, essa "... relação da psicanálise com o discurso da ciência transformouse, pois, se inicialmente Freud pensou em inscrever a psicanálise no campo da ciência, essa inscrição se tornou problemática desde a elaboração do conceito de pulsão de morte. Da mesma maneira, se transformou também a relação crucial do sujeito com a rememoração, tal como era preconizada por Freud, como uma exigência incontornável no registro clínico. Portanto, a relativização do lugar da representação teve como *um* de seus efeitos o deslocamento do lugar da rememoração na experiência psicanalítica" (pág.11).

Acredito que o autor está colocando aqui que, se temos o campo da representação como um conjunto fechado, esse é da ordem do determinismo e que, evidentemente, o campo da psicanálise, escapa ao campo da ciência clássica, da física newtoniana. A pulsão entraria como produção/criação/possibilidade do novo, evidentemente um corte com o determinismo fechado, parecendo-me portanto que o autor mantém-se conectado à ciência clássica em seu comentário, uma vez que na ciência contemporânea as idéias de indeterminação, caos, não causalidade e produção do novo, já são possibilidades dentro do pensamento científico.

Encontramos, assim, a questão nodal em relação à ciência contemporânea, pois esta leva em conta muitas características da estética e da produção do novo. Olhando para o campo da física, produções advindas do caos são formas que ganharão expressões; as figuras fractais são formas que surgem do caos e que são extremamente organizadas. O caos produz formas que se auto-organizam, se estruturam ao longo do tempo. Deste modo, estamos falando de uma ciência que leva em conta o tempo, e como existe produção/criação, estamos saindo do universo puramente determinista.

Como podemos pensar a auto-organização articulada à possibilidade de subjetivação?

As precoces relações da mãe com a criança ocorrem em uma intensidade afetiva imensa e as mediações simbólicas praticamente não existem ou são extremamente frágeis. Esse ambiente de virtualidade torna-se propício ao processo de auto-organização, que produzirá sujeitos desejantes. Isto acontece em uma relação intensa de pulsões e afetos, cinzelada no vínculo com o outro e pelas intensidades deste mesmo vínculo.

A produção de redes, de marcas, provém dessas altas intensidades, vividas e produzidas no narcisismo. O sujeito emerge da possibilidade de fazer surgir o primeiro jogo auto-criado como Freud postula em *Além do princípio do prazer*, quando aborda a questão do jogo denominado *fort-da*. Primeiro jogo e auto-criado, portanto, produção do simbólico e não trânsito no universo representacional. Assim, temos fluxos, produção de marcas, de jogos que surgem no calor do narcisismo e da pulsão de morte.

No primeiro, o tempo todo está presente a relação com o outro em grande intensidade; essa relação é quente e produtora de vida. A pulsão de morte, pulsão sem representação, é a pulsão das intensidades; portanto, o forno produtor da vida nas relações pulsionais no âmbito do narcisismo.

Temos, então, o sujeito produzido na intensidade e com possibilidade de acoplamento ao universo representacional.

A nova ciência postula o reencantamento do mundo com o fim da onisciência, articula uma nova concepção de ciência em que as intensidades têm tudo a ver com a auto-organização e a criação do novo.

A termodinâmica, já no final do século passado, começa a quebrar o determinismo puro e foi no campo da termodinâmica dos processos irreversíveis, que surgiu essa necessidade. Fluxos que atravessam alguns sistemas físico-químicos, rompendo o equilíbrio desses, nutrem a auto-organização espontânea, rupturas de simetria, criando a possibilidade de complexidade e di-

versidade. Surge o papel criador da irreversibilidade. Nesse campo, as organizações nascem e morrem, ou criam uma história singular tecida pelo acaso das flutuações e a necessidade de lei.

Segundo Birman, ao contrário, "a dimensão científica do discurso psicanalítico foi colocada assim em questão. Com isso, se deslocaram para o primeiro plano da teoria psicanalítica as dimensões ética e estética da psicanálise. Portanto, o que se impõe na experiência psicanalítica não é primordialmente o ideal de cura, mas a finalidade de constituição de um estilo para o sujeito, que seria regulada nos registros ético e estético". (pág.12).

Mas, paralelamente, aqui é preciso realçar a importância que o autor confere ao conceito de desamparo na obra de Freud, mostrando que não existe lugar para a cura e sim "a perspectiva de construir um estilo subjetivo que seja capaz de lidar com conflitos insuperáveis" (pág.12)

Esse desamparo, ao invés de ser sempre assustador, terrorífico, pode ser extremamente criador, pois a criança tem que encontrar uma saída para essa alta intensidade, que caracteriza essas primeiras relações, criando na própria relação, jogos que provém de movimentos ritmados, que são registrados e depois compulsivamente repetidos. São as primeiras estruturações do psiquismo, sempre fractais, onde temos a possibilidade da compulsão de repetição como expressão dessas altas intensidades, organização de fluxos, assemelhando-se à produção da neurose traumática quando produz o sonho traumático como possibilidade do novo, como obtenção de saída dessa neurose.

Temos aí produção de simbólico, sempre organizador e singularizador, consequentemente, criando diferenças.

A questão da cura também é interessante ao pensarmos que não existe nenhum remédio que possa dar conta do mal-estar da civilização, pois, com a ruptura do determinismo fechado, as previsões absolutas estão descartadas e o conceito de pulsão de morte como possibilidade de criação, vem sempre possibilitar outros acordos da sinfonia ou mesmo sua própria mudança. Na ciência clássica, a previsibilidade faz parte de seu âmago. Em outra direção, a psicanálise se aproxima da *poiésis*, das ciências da natureza e da vida que pulsa e cria.

O preço que a humanidade pagou para manter as idéias newtonianas como único referencial dentro da ciência foi a retirada do eu do mundo para surgir o observador desinteressado, o observador da neutralidade. Esse mundo sem subjetividade é incolor, frio e mudo; um universo tumular. Freud, ao criar o conceito de pulsão, traz para o foco essa dimensão de vida, e, concomitantemente, aponta para o metabolismo da produção de subjetividade. Birman diz: "Com efeito, ao movimento orientado para *unidade* e para *reunião* das singularidades, regulado pela pulsão de vida, se contrapõe o movimento direcionado para a *dispersão* e para a *desordem*, regulado pela pulsão de morte. Portanto, a pulsão de vida realizaria o trabalho de reunião dos sujeitos na sociedade cons-

tituindo uma ordem política propriamente dita, através da ligação da força pulsional e de sua inscrição no campo das representações. Em contrapartida, a pulsão de morte empreenderia um trabalho de ruptura de ligações, destacando a dimensão de força das pulsões, e exigindo, com isso, novas formas de ligação e de simbolização a serem realizadas pelo psiquismo” (p. 117).

Esse metabolismo acima descrito, não se coaduna com as concepções clássicas da ciência, mas pode se aproximar do pensamento complexo e das novas propostas da ciência.

Se temos uma natureza que produz o novo nas altíssimas intensidades, a irreversibilidade como criadora, a vida como extremamente criativa e produtora de formas, temos a estética também dentro do campo das ciências, a estética como resultado da produção do novo tanto no campo das artes quanto no campo da ciência, devendo articular-se também com uma ética.

O conceito de pulsão criado por Freud, a meu ver, não o afasta do pensamento científico contemporâneo; muito pelo contrário. Freud, Boltzmann e Poincaré foram os precursores de um pensamento que começa a brotar nesse fim de milênio, que é a *Complexidade*. Eles percorrem a passagem do determi-

nismo fechado ao acaso e à indeterminação, levando em conta a irreversibilidade do tempo.

Foi Boltzmann que, no campo científico, nos alertou sobre o paradoxo do tempo. Ele acreditava que a física sofreria modificações; modificações estas que apontariam para o não aprisionamento das leis eternas da natureza como postulava o pensamento determinista. As leis da física clássica não distinguem o passado do futuro. No princípio do século, segundo essa vertente de uma nova ciência, temos um abraço entre as ciências da natureza e as ciências humanas, como Poincaré nos mostra no início desse texto.

Assim, começamos a trafejar num campo conjuntivo, com produção de organizações, numa estética que provoca diferenças e temos que começar a levar em conta as contradições e os paradoxos.

Temos a ciência e a cultura articuladas através da co-constituição da ética. Ciência/cultura/produção de subjetividades estão em conexão com produção/criação/novo.

Freud deixa bem claro seu pensamento em relação à ciência no texto *Pulsões e destinos de pulsões*, de 1915. “Temos ouvido expressar mais de uma vez a opinião de que uma ciência deve ser edificada sobre conceitos fundamentais clara e precisamente definidos. Na realidade nenhuma ciência, mesmo a mais exata, começa com tais definições. O verdadeiro princípio da atividade científica consiste na descrição de fenômenos que logo são agrupados, ordenados e relacionados entre si (...) porém, o progresso do conhecimento não tolera a inalterabilidade das definições.”² Portanto, o saber científico positivista é o saber no qual a psicanálise não cabe e transborda. Explode.

Por outro lado, a auto-organização, que é um conceito da ciência contemporânea, pode ser muito útil para nos aproximarmos de conceitos como os de pulsão de morte, séries complementares e narcisismo, que são conceitos freudianos. Como as altas intensidades podem gerar auto-organizações, o desamparo do sujeito terá que dar conta dessas produções engendradas no pulsional e nas próprias intensidades, produzindo o novo e criando narrativas, que são também produções, agora articuladas ao campo da linguagem.

O autor articula a ética/estética com a produção de narrativas. Com isso, “diante do imprevisível, o futuro é uma *construção* e uma *aposta* para o sujeito, que deve ser tecido a cada passo, considerando que as escolhas possíveis estão na dependência estreita da estesia necessária para a produção do prazer” (pág. 66).

Saliento a introdução da idéia de aposta em psicanálise, pois esta abre para o campo da indeterminação, do novo e dos possíveis, podendo assim ser pensada a produção do sujeito da diferença, mostrando similitudes com os novos paradigmas da ciência contemporânea, cujo referencial também se dá nas narrativas provindas do discurso da ética e da estética.

NOTAS

1. Poincaré, H. *O valor da ciência*, Rio de Janeiro, Contraponto, 1995, p. 5
2. S. Freud, *Pulsiones y destinos de pulsión* in *Obras Completas*, vol. XIV, Buenos Aires, Amorrortu Ed., 1979, p. 105.

Alcimar Alves de Souza Lima é psicanalista membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, e autor de [*Pulsões: uma questão psicanalítica no compasso entre corpo e objeto*].